

Apresentação

Cultura infantojuvenil contemporânea
na perspectiva da educomunicação:
investigações sobre crianças e jovens
quanto ao uso de mídias e internet.

Claudemir Edson Viana

Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: práticas na cibercultura

Origens do tema e o contexto das pesquisas a respeito

Esta obra é resultante de atividades promovidas pela disciplina ministrada entre 2015 e 2018 na Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), intitulada *Educomunicação e cultura infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico*. Os capítulos que integram este livro são produções selecionadas entre os trabalhos apresentados pelos discentes ao final de cada oferta anual da disciplina durante o referido período, que passaram, posteriormente, pela

avaliação de uma comissão editorial composta por mim e por três colaboradores, cujo trabalho voluntário foi fundamental para avançar até sua realização e a quem sou grato: Bruno Ferreira, Michele Marques Pereira e Juliana Pádua Silva Medeiros.

Assim como este livro, a criação da disciplina representa conquistas e inovações no contexto da Pós-Graduação da ECA USP, retomando um histórico bastante importante que a Escola tem quanto ao tema *infância, mídia e educação*. A proposta da disciplina *Educomunicação e Cultura infantojuvenil* foi por mim elaborada e apresentada ao programa de Pós-Graduação decorrente do percurso de 22 anos, até o momento, que tenho como pesquisador sobre a temática, dentro e fora desta Instituição¹.

A ECA/USP contou por mais de 30 anos com a atuação exímia da professora Elza Dias Pacheco, pioneira na instituição com estudos sobre *infância, mídia e educação*. Lecionou por muitos anos a disciplina de *Psicologia da Comunicação* para todos os discentes da ECA; fomentou projetos de pesquisa; orientou mestrados, doutorados e pós-doutorados com investigações relacionadas à temática; coordenou diversos seminários e congressos de grande sucesso; fez importantes publicações, e coordenou o LAPIC - Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação (1996-2010), o qual promoveu pesquisas amplas e aprofundadas sobre a recepção infantil da mídia televisiva, sobre o imaginário, a comunicação e as culturas infantis, e também sobre questões referentes à interface entre Comunicação e Educação.

1 Sobretudo dentro da ECA/USP, pois realizei o Mestrado e o Doutorado no mesmo Programa de 1998 a 2005, além de ter atuado por 15 anos como pesquisador do Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação - LAPIC, laboratório que existiu de 1996 a 2010 na ECA, fundado e coordenado pela Profa. Dra. Elza Dias Pacheco, quem tive a honra e a oportunidade de tê-la como minha orientadora por todo este percurso até seu falecimento naquele último ano de existência do laboratório.

A perspectiva de estudos e pesquisas realizados pela profa. Elza e seu grupo de pesquisadores deu-se no contexto da compreensão sobre a Comunicação que a ECA/USP adotou desde sua fundação em 1966, ou seja, entendendo a comunicação como um fenômeno cultural complexo e amplo, que transpassa todas áreas da existência humana, e que é entendida a partir da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais desenvolvidos em alguns campos da Sociologia e da Comunicação, no decorrer da segunda metade do século XX. Tal compreensão foi sendo fortalecida pelos grupos de pesquisa e extensão cultural da ECA/USP sobretudo a partir dos anos 1980, ao lado de outras vertentes teóricas de estudos sobre os fenômenos da comunicação, como o estruturalismo e o marxismo dialético e crítico, que foram se adensando na produção científica da Instituição.

A este contexto teórico, foi se dando a congregação de fatores que favoreceram a importância dada nas pesquisas e na docência para a relação Comunicação e Educação, como área e como objeto de análise. Foi fundamental a reunião de docentes pesquisadores de diferentes áreas (Sociologia, Arte, Linguagem, Produção Cultural, Mídia etc.) voltados aos estudos e às pesquisas sobre a comunicação focados em questões, processos e resultados educativos, observados ou desejados, e por meio de práticas comunicativas existentes ou a serem promovidas. Muitos dos docentes da ECA/USP, especialmente, do CCA - Departamento de Comunicações e Artes, tiveram experiência de sala de aula no ensino básico e buscavam, por meio de suas ações, colaborar para que a escola, e a educação em geral, pudesse ser renovada a partir das descobertas e propostas advindas da universidade.

Isso levou a iniciativas importantes no decorrer da década de 1990 como a criação de núcleos, laboratórios e centros de pesquisa e de extensão, de modo a favorecerem pesquisas e a divulgação científica sobre temas e problemas que pautavam o contexto social e acadêmi-

co de então. Assim se deu com a criação do LAPIC e de outros grupos com o objetivo claro de abrir caminhos para ampliar e aprofundar a pesquisa sobre as práticas na interface Comunicação e Educação.

Outros importante órgãos de investigação criados nessa época foram: o Centro de Estudos de Telenovela (CETVN), liderado pela professora Dra. Maria Imacullata Vasconcelos; o Núcleo de Comunicações e Educação (NCE), sob a liderança do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares; a fundação da Revista Comunicação & Educação, liderada pelos professores Dra. Maria Aparecida Baccega, Dr. Adilson Citelli, Dra. Cristina Costa, Dra. Maria Lourdes Motter, Dra. Roseli Fígaro, dentre outros. Esses fatores favoreceram fortemente a produção de conhecimento de ponta por meio de pesquisas e pelas ações de docência e extensão cultural, de modo a criarem o movimento de constituição do subcampo de estudos Comunicação e Educação nas Ciências da Comunicação desta instituição.

Esse foi um longo e disputado processo entre diferentes perspectivas e experiências promovidas, na ECA, pelos seus atores diretos (docentes, pesquisadores, discentes, direção e funcionários), pelas políticas e estruturas da universidade nas quais as ações promovidas pelos cursos, pelas pesquisas e práticas de extensão cultural aconteciam, bem como ainda outros fatores de contextos mais amplos e complexos como o do nível de fomento em ciências e investimento no ensino público superior, e, especialmente, na área das Humanidades, que foram promovidos (ou não) pelos governos no período.

Foi nesse fértil e turbulento processo de pesquisa sobre o tema *infância, mídia e educação* que existia na ECA/USP que mergulhei em 1996 quando iniciei uma Iniciação Científica no LAPIC, numa pesquisa integrada financiada pelo CNPq sobre *Televisão, Criança e Imaginário*, que estudou cerca de 700 crianças entre sete e 11 anos da cidade de São Paulo/SP entre 1997 e 1999. Daquele ano até 2010,

estive dedicado às atividades do Laboratório, quando o mesmo foi fechado em decorrência do falecimento da profa. Elza Dias Pacheco. Outra importante pesquisa promovida pelo LAPIC foi *O Desenho Animado na TV: mitos, símbolos e metáforas* (1999-2000) que estudou a interpretação que 350 crianças e pré-adolescentes faziam dos desenhos animados veiculados em TV aberta no ano de 1999. Disso resultaram publicações, seminários e outras pesquisas como as minhas de mestrado e doutorado.

Sendo eu discente do programa de Pós-Graduação da ECA/USP na área das Ciências da Comunicação, sob orientação da Profa. Dra. Elza Dias Pacheco, acabei por desenvolver no mestrado a primeira pesquisa científica sobre educomunicação ao analisar como pode se dar a inclusão de mídia comercial, como jornal impresso e um seriado televisivo, nas aulas apostiladas de História do Brasil do Ensino Médio, no contexto de uma instituição privada de ensino na cidade de São Paulo/SP (1998-2000)².

Tendo aproveitado os conhecimentos sobre infância e mídia, bem como a experiência com metodologias de pesquisa, em particular para os estudos de recepção infantil de conteúdos midiáticos, durante os anos de atuação no LAPIC, e como discente do programa de Pós-Graduação da ECA/USP, pude aplicar meus aprendizados na estruturação do meu objeto de estudo e da problemática em questão, e que também resultaram dos quase oito anos (naquela época) de minha atuação como docente de História em três colégios (um público e dois particulares).

Assim também se deu no doutorado, realizado na sequência, em que aprofundi a pesquisa sobre a relação de crianças do Ensino Fun-

2 VIANA, C. E. O processo educacional: a mídia na escola. Dissertação de Mestrado. ECA, USP. São Paulo. 2000. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/pt-br.php>

damental I com jogos digitais em CD-Rom, muito popular na virada do século XX para o XXI, quando a capacidade da internet ainda limitava o uso de *games online*. E o objetivo era entender aspectos importantes sobre as novas formas de brincar das crianças do novo século, suas maneiras de interagir com os jogos e entre si, seus modos de elaborar sentidos, e no horizonte do problema da pesquisa havia sempre a pergunta: a brincadeira com jogos digitais e o uso de internet promoviam quais aprendizagens? ou que aprendizagens poderiam ser incentivadas? Foi um estudo realizado com 30 crianças, entre 8 e 11 anos, de uma escola particular da cidade de São Paulo/SP: alunos de duas turmas, uma da 3a. série e outra da 4a. série do Ensino Fundamental. Durante um ano, 2003, acompanhei momentos em que a turma descia até o laboratório de informática da escola, com computadores em rede e com equipamento apropriado, trazendo seus jogos preferidos em CD Rom para brincar por alguns minutos, e eu fazia, então, a minha pesquisa de campo com elas.

A investigação³ permitiu identificar práticas lúdicas, formas e conteúdos de aprendizagens que se davam nas brincadeiras das crianças, e quando da conversa tida com elas a respeito dos sentimentos e sentidos atribuídos aos jogos digitais preferidos e sobre o ato de brincar com eles.

Dentre os aspectos observados, destacou-se um conjunto de evidências sobre a prática das crianças de interação com os jogos, com habilidades no manejo dos elementos dentro das regras estabelecidas pelo jogo, mas também havia muitas vezes em que elas não só burlavam as regras, como chegavam a se divertir ao fazer isso.

3 VIANA, C. E. O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil. ECA, USP, São Paulo. 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>

Quer se dizer que, assim como nos demais contextos da pesquisa sobre a relação crianças e mídias ocorridos na ECA/USP até então, também no doutorado por mim realizado a criança é entendida como um ser sócio-histórico-cultural, em interação com o ambiente no qual vive e com sua comunidade e convivências sociais de que desfruta; que a criança desenvolve continuamente a capacidade de aprender a aprender, aprender a conviver e a ampliar os seus conhecimentos, por isso a importância de um dos dois eixos da disciplina em questão, isto é, a cultura infantojuvenil, que denota uma cultura produzida para e pelas crianças e jovens, considerando aspectos diversos do que de complexo há na relação entre esses sujeitos e toda uma rede de outros agentes culturais e sociais. É o caso dos grupos familiares, religiosos, esportivos e escolares.

O sujeito criança/jovem não está isolado, ao contrário, está em pleno processo de ampliação da sua rede de relações com outros sujeitos e instituições, e cada vez mais de forma ampla, aberta e múltipla, o que traz oportunidades, mas também riscos, o que deveria ser mais um item a ser trabalhado com este público não só por meio de um programa de educação para a comunicação digital e em rede, como também uma formação para promoção de práticas em educomunicação a ser desenvolvido em algum contexto particular, como uma turma de alunos, ou mesmo um projeto comunitário.

Depois de oito anos da defesa da referida tese, e tendo recentemente ingresso, por meio de concurso, na ECA-USP como docente no curso de Licenciatura em Educomunicação, elaborei para o Plano de Carreira a proposta de retomar as articulações entre os conhecimentos que havia acumulado nesse percurso, em especial, entre dois elementos centrais: a educomunicação e a cultura infantojuvenil.

A educomunicação está presente como um paradigma constituído por noções-chave, princípios e fundamentos específicos sobre os fe-

nômenos decorrentes da interface entre Comunicação e Educação. Trata-se de promover uma comunicação educativa a partir dos referenciais da educomunicação, por meio da criação e/ou fortalecimento de ecossistemas comunicativos democráticos, abertos, múltiplos e diversos, inclusivos, colaborativos, coletivos. Depois de duas décadas de sua sistematização por meio de um pesquisa realizada pelo NCE⁴, a educomunicação alcançou o reconhecimento nacional e internacional, de sua existência e de sua particularidade como perspectiva teórico-metodológica latinoamericana sobre a interface entre Comunicação e Educação, e sobre que tipos de práticas e valores sociais se quer promover junto a diversas situações do cotidiano, como no ensino, na saúde, no meio ambiente, enfim, em todas áreas da existência humana em que a comunicação e a educação acontecem.

A educomunicação é tomada também como prática social com forte potencial educativo e que se constitui, hoje, em tecnologia social inovadora, conforme reconhecido recentemente (agosto de 2018) pela própria USP com o Prêmio USP Trajetória pela Inovação, concedido pela Pró-Reitoria de Pesquisa e pela Agência USP de Inovação ao professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, representante na área de Humanidades.

O prêmio se deveu à ressignificação do conceito e a criação de técnicas e de métodos para sua aplicação em diversos contextos da sociedade, de forma inédita e inovadora, chegando a se instituir como campo de trabalho e de pesquisa, a embasar a criação de novos cur-

4 Trata-se da pesquisa fundante da área profissional do educador, realizada por pesquisadores do NCE no período de 1997 a 1999, junto a 176 profissionais de 12 países da Iberoamérica, e que atuavam na interface Comunicação e Educação. Mais informações em: SOARES, Ismar de Oliveira. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato, Brasília, ano 1, n.2, jan./mar. 1999. Disponível em: http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf

sos na academia e fora dela, e a se tornar conhecimento teórico-prático que incidiu na elaboração de políticas públicas em diferentes áreas e níveis de governo.

Que tipo de comunicação e que tipo de educação estamos a tratar? A educomunicação está preocupada com os processos políticos e éticos que estão presentes, ou que deveriam estar, nas práticas comunicacionais e educativas da sociedade. Trata-se de não só entender a comunicação como um direito humano, conforme está no Artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), e a liberdade de expressão como fundamental para a existência humana e da democracia como modelo político, e visando preparar o cidadão para manter e fortalecer estes aspectos. É também tomar a comunicação, existente ou que se quer promover, como eixo essencial para o exercício coletivo e colaborativo de construir-desconstruir-construir sentidos, valores, ações e fenômenos que estão presentes no cotidiano de cada grupo. Nestes contextos em que a comunicação é assim constituída, será potencializada uma certa cultura dialógica e participativa no grupo, e vice-versa, numa dialética constante entre os atores integrantes do ecossistema comunicacional em questão, ainda mais que o contemporâneo nos apresenta com as mediações tecnológicas da internet, das redes sociais digitais, enfim, da cibercultura na qual participam cada vez mais pessoas e grupos de forma intensa.

A cibercultura que se tem presente na sociedade brasileira é bastante particular não só aos modos de ser e viver nas diversas localidades do país, como é também caracterizada a partir da estrutura social que prevalece, como a da enorme desigualdade econômica e social, grande concentração de riquezas etc. Por exemplo, temos o Estado com políticas públicas insuficientes para atender as demandas da sociedade, inclusive no que diz respeito a disponibilizar acesso à internet de qualidade nas escolas públicas do país. Mesmo nas grandes capitais do sudeste do país há, ainda hoje, o que melhorar nisso, e mais ainda

em outros muitos aspectos decorrentes da presença e uso das TICs e seus produtos no cotidiano de todos, não só de crianças e jovens.

E é este o contexto que esta obra pretende entender melhor por meio dos artigos elaborados por discentes da referida disciplina do programa de Pós-Graduação na ECA/USP, aqui transformados em capítulos e que tratam de pesquisas exploratórias sobre aspectos da cibercultura presentes em ambientes ou elementos específicos, como o da educação, o das crianças e jovens, o das práticas comunicativas e culturais de grupos específicos. Em todos os trabalhos de pesquisa e análise reflexiva desta obra, a perspectiva da educomunicação como paradigma está presente de alguma forma, e cujas estratégias de investigação variaram entre observações e entrevistas de crianças e adolescentes, professores e familiares, e estudos sobre conteúdo de documentos, produtos midiáticos, legislação e diretrizes curriculares.

Do convívio com a mídia ao protagonismo crítico

O título deste bloco é parte do nome da disciplina de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, como acima já anunciado. Ele, o título, está aqui novamente, agora com parte em destaque que representa o foco da problemática teórico-metodológica promovida pela disciplina em questão, e porque demonstra a perspectiva de estudos e análises sobre a relação entre os sujeitos criança e jovem com a mídia e as TICs, de maneira bastante coerente com a evolução das pesquisas e produções científicas a respeito, em especial na ECA/USP, e também com algumas vertentes científicas no Brasil e no mundo.

A disciplina apresenta uma abordagem antropológica sobre a presença das mídias e das TICs no cotidiano, superando perspectivas de ataques ou defesas a respeito, sobretudo quando se trata de educação e cidadania. Busca-se perceber sobre quais usos são feitos delas

pelas crianças e jovens, com que objetivos e com que resultados, considerando um contexto cultural amplo, dinâmico e dialético em que se vive.

E por compartilhar da perspectiva dialética sobre a atuação da criança e do jovem na sociedade, e de sua capacidade criativa, a disciplina provoca o discente a observar o protagonismo crítico como parte importante do fenômeno e que, mesmo onde ele se dá em ecossistemas comunicativos favoráveis, é sempre preciso buscá-lo, ter a intenção de promover processos comunicativos que levem seus atores a processos de educação sobre, para e por meio da comunicação, modelados por princípios humanistas e democráticos a serem valorizados e promovidos .

O senso de que se tem sobre a criança, sobretudo, mas também sobre o jovem, de que são seres incapazes de entender e, por isso, de se defender de algum risco na realidade cada vez mais violenta e tumultuada no cotidiano, agora, também permeado pelos meios e conteúdos digitais da web e seu mundo, ainda prevalece. A questão em si não está em não defender as TICs ou não se preocupar com os riscos que esses sujeitos estão correndo ao usá-las, e sim de que se parte do pressuposto de que são seres incapazes de ter pensamento crítico, de serem capazes de aprender e entender a respeito das tecnologias e seus serviços e produtos. Se tomar este caminho de pensamento, tendo a cultura digital e em rede que se tem hoje, a lógica seria completamente equivocada, mais uma vez, ao supor que o adulto, por ter as capacidades cognitivas definidas e o caráter estabelecido, saberia automaticamente como lidar com tais riscos, produtos e meios tecnológicos. Um engodo pensar assim, pelo contrário até, quando se observa que muitas crianças e jovens é que têm mais conhecimentos a respeito, e chegam a ensinar os mais velhos, como seus avós, a usarem celulares e seus aplicativos, por exemplo. Por outro lado, nota-se

também como falta às crianças e jovens, e aos adultos também, sabedoria no uso de tecnologias que lhes ajudam na existência cotidiana contemporânea, e como a educação midiática e a educomunicação em especial podem colaborar nisso.

Na verdade, trata-se de entender que a relação dialética e criativa das crianças e jovens com a realidade, mediada pelas tecnologias digitais e em rede a que se tem acesso, precisa ser objeto não só de melhor compreensão, mas também se tornar conteúdo a ser estudado e aplicado nos processos educativos próprios dos contextos domiciliar e escolar, e em outras situações do cotidiano dessa parte da população, como clubes, igrejas, comunidade etc. Ou seja, isto quer dizer que além das ações fora da escola em busca da educação para uso criativo, crítico, coletivo e democrático das tecnologias e meios de comunicação e informação disponíveis na sociedade, é preciso que dentro das escolas e instituições promotoras de processos educativos, que não só utilizem tais recursos, mas que se promovam processos de formação de sujeitos capazes de exercer e fortalecer suas práticas de cidadania no ciberespaço também, e de modo responsavelmente articulado ao vivido na dimensão real do cotidiano. Seria a educação para e pela comunicação crítica e responsável coerente ao contexto de cibercultura.

Assim, além de pensar em riscos e oportunidades quando observamos os usos de TICs por crianças e jovens, e quando pensamos em como educar para atuar nesses contextos, prevalecem modelos de educação para o uso competitivo das TICs, muito contaminado pela função da escola como formadora do sujeito para o mercado de trabalho, por exemplo. No entanto, as crianças e jovens já usam de múltiplas formas tecnologias de comunicação e informação no seu cotidiano, produzindo cultura, diversas e diferentes, conforme região geográfica, nível socioeconômico e muitas outras variáveis.

Crianças e jovens na cibercultura na perspectiva da educomunicação

Foram definidos critérios para a realização, pelos discentes da referida disciplina, da experiência investigativa sobre a relação entre crianças e jovens com a internet e a mídia, e a proposta foi ir além de observação e análise de situações e documentos referentes ao tema. As investigações realizadas pelos autores dos capítulos desta obra também recorreram a importantes bancos de dados sobre temas correlacionados, e foram desafiados a analisarem dados observados no microcosmo pesquisado por eles e a contextualizá-los com o macrocosmo por meio de dados retirados de pesquisas com amostras de sujeitos pesquisados bem maiores e representativas. Para tanto, adotou-se o Cetic.br - Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade e Informação, órgão de pesquisa do Comitê Gestor da Internet existente desde 2005, para, desse banco de informações a respeito do tema, extrair dados para a análise contextualizada e relativa ao investigado.

Em 2012, fui convidado pelo Cetic.br, como representante da Ong CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, para integrar o fórum de especialistas sobre internet, educação, criança e jovens, pelo fato de naquele ano estar na coordenação de um projeto educativo pela internet de sucesso já por cinco anos, coordenado por esta Ong e financiado pela Fundação Telefônica. Foi o projeto *Comunidade Virtual de Aprendizagem Minha Terra*⁵, que reuniu num mesmo ambiente virtual e por meio de atividades

5 Para mais informações sobre o Projeto Minha Terra: VIANA, C. E. "Minha Terra": diversidade cultural e sustentabilidade em práticas educacionais pela web. Olhar de professor, Ponta Grossa, 14(1): 123-136, 2011. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>> Acesso em: 20/03/2020.

orientadas a distância, cerca de 10 mil participantes, 80% estudantes de escolas públicas de todo país.

Desde então, participo de encontros anuais promovidos pelo Cetic.br entre especialistas de diversas instituições da universidade pública, de centros e institutos de pesquisa e de formação, órgãos públicos federais e de diversas áreas, também representantes de organizações internacionais envolvidas com as temáticas como a ONU e a UNESCO. Os grupos temáticos dos quais passei a participar, desde então, são o *TIC Educação*⁶ e o *TIC Kids online*⁷, e que me permitiram entender melhor sobre os processos de pesquisa de amostras significativas, como o número, a distribuição e a representatividade de sujeitos nas pesquisas desse órgão.

A aproximação também se deu entre as pesquisas, publicações e eventos promovidos pelo Cetic.br e a disciplina da Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP por mim ministrada a partir de 2015. Desde 2016, passou a ser parte do programa da disciplina *Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico*, estudar e utilizar as informações disponibilizadas na plataforma do órgão. Por serem fontes de extrema qualidade e diretamente relacionadas ao objeto de estudo da disciplina em questão, os discentes passaram a ter como desafio desenvolver investigação como já apresentado acima, e relacionar os resultados dos estudos bibliográficos e de campo com dados das pesquisas do Cetic.br de dois temas de pesquisa destacados aqui, *TIC Educação* e *TIC Kids Online*.

6 Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/educacao/>
Acesso em: 10/02/2020.

7 Disponível em: <https://www.cetic.br/pesquisa/kids-online/>
Acesso em: 10/02/2020.

Ainda por oportunidade dessa aproximação, antes das vivências da referida disciplina com os dados disponibilizados por ambas as pesquisas do Cetic.br, lançou-se o desafio de aplicar a perspectiva educ comunicativa na interpretação e no questionamento sobre o painel social desenhado pelas pesquisas de significativas amostras de sujeitos específicos. O primeiro se deu, em 2013, com a publicação de artigo de minha autoria e em co-autoria com o professor Dr. Ismar de Oliveira Soares intitulado *Pais, filhos & Internet: A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação*⁸, em que apresentamos análises a partir dos resultados da pesquisa *Tic Kids Online Brasil 2012*, e problematizações sobre os resultados a partir do paradigma da educomunicação.

Na mesma perspectiva, o outro exercício de análise de resultados pesquisados do Cetic.br deu-se em 2016, com a publicação de artigo de minha autoria no livro *TIC Educação 2014*, intitulado *Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educ comunicativa em contextos da cibercultura*⁹, onde apresentam-se desafios a serem enfrentados em razão do contexto desenhado pela pesquisa em questão, e para os quais as práticas e princípios da educomunicação são indicativos de caminhos possíveis para o enfrentamento criativo de tais desafios.

Por isso, o objetivo é compreender melhor a respeito da presença das TICs e dos usos que crianças e jovens fazem de produtos culturais, sobretudo os digitais e em rede, e isso se tornou um desafio compar-

8 VIANA, Claudemir Edson; SOARES, Ismar de Oliveira. *Pais, filhos & Internet: A pesquisa TIC KIDS ONLINE Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação*. In: TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2013

9 VIANA, Claudemir Edson. *Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educ comunicativa em contextos da cibercultura*. TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2016

tilhado com os discentes da referida disciplina desde 2016. A partir do segundo mês do cronograma das aulas, as bases de dados do Cetic.br são utilizados para as análises, são objeto de estudos apresentados pelos discentes durante as aulas, no mesmo período em que estão em pesquisa de campo com grupos definidos de crianças e jovens, ou debruçados sobre análise de conteúdos e discursos de produtos midiáticos relacionados ao uso por crianças e jovens, e tendo o paradigma da educomunicação presente.

Os capítulos deste livro foram organizados em dois blocos sequenciais. No primeiro bloco, o eixo articulador entre os capítulos é a *Educação Formal e a Educomunicação* como prática renovadora no uso de tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos, ou ainda, como referencial teórico na análise realizada pelos autores. No segundo bloco, os capítulos têm como eixo temático a *Cultura, a Mídia e a Educomunicação*, com investigações sobre produções culturais do universo infantojuvenil como desenhos animados, *Harry Potter*, programas televisivos etc, na perspectiva da comunicação potencializando a criatividade e a educação cultural deste público.

No capítulo *Quando o coletivo vai à escola: educomunicação e juventudes no extremo sul de São Paulo*, Juliana Salles de Souza apresenta seu estudo sobre oficinas de jornalismo promovidas pelo coletivo de comunicação *Periferia em Movimento* realizadas em escolas daquela região, de modo a constatar o quanto as oficinas favorecem o diálogo, no sentido freireano, com a juventude.

Com o capítulo *Educomunicação e o desafio do uso das TICs em sala de aula: diálogo entre os saberes docentes e discentes*, Christiane Pitanga Serafim da Silva promove uma discussão em torno dos desafios da educação diante do uso das TICs em sala de aula, e propõe a educomunicação como um meio para aproximar os professores da cultura

digital dos alunos. O estudo foi feito a partir da análise dos dados da pesquisa *TIC Kids Online 2016*.

Em seguida, Wellington Nardes, em seu texto *A educomunicação como alternativa de aproximação entre a escola e o mundo midiático: um estudo comparado sobre o uso de mídias digitais e o acesso à internet por crianças e jovens*, traz um exercício de comparação macro e micro representados, respectivamente, pelos dados da pesquisa *TIC Kids Online Brasil* e pelos resultados dos questionários respondidos por 18 alunos de escolas públicas de Joinville/SC.

Outro estudo a partir dos dados da pesquisa *TIC Kids Online* foi apresentado por Lara Chaud Palacios Marin, intitulado *Protagonismo infantil na internet e o lugar da escola: análise de dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2016*. Nesse estudo, a autora traz alguns destaques da pesquisa em questão para refletir sobre o lugar ocupado pela escola no mundo contemporâneo frente às tecnologias da informação e comunicação (TICs).

No capítulo *Público infantojuvenil: orientações dos professores sobre o uso da internet*, Gláucia Silva Bierwagen apresenta uma análise com base na pesquisa *TIC Kids Online (2016)* com a pretensão de comparar e discutir com as respostas de alunos da escola municipal Desembargador Amorim Lima, da rede pública de São Paulo/SP, sobre as orientações dadas pelos professores acerca do uso da internet na escola.

Na sequência, no capítulo *Redes sociais digitais e educomunicação: protagonismo e participação de jovens na Rádio JMS*, Douglas de Oliveira Calixto discute sobre como a educomunicação apresenta caminhos para o desenvolvimento de ações educativas e de cidadania nas redes digitais. O autor faz a análise a partir de projetos desenvolvidos na rede municipal de ensino de São Paulo/SP e de entrevistas, com o objetivo de observar o movimento de jovens em

rede sociais a fim de criar novas formas de expressão e participação nessas plataformas digitais.

O potencial do rádio no processo educativo e dialógico, capítulo de autoria de Isys Helfenstein Remião, apresenta aspectos sobre como o rádio pode ser um instrumento importante de diálogo e de participação em escolas e comunidades, além de abrir possibilidades para outras formas de aprendizagem. O capítulo apresenta experiências de rádio em movimentos de educação nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina, e analisa o programa radiofônico desenvolvido, atualmente, na escola pública de Ensino Médio Prof.^a Vilma Catharina Mosca Leone, em Praia Grande/SP.

No capítulo de autoria de Juliana Pádua Silva Medeiros, intitulado *Sobre exercícios de ver e de produção midiática: o conceito de mundo editado na sala de aula*, busca-se apresentar uma análise reflexiva sobre o projeto de investigação *O mundo editado: exercícios de ver e de produção midiática*, desenvolvido em 2015 junto a estudantes do Ensino Médio no Colégio São Domingos, do ensino privado em São Paulo/SP, e cuja proposta objetivava promover a leitura crítica dos meios de comunicação e a produção de bens midiáticos, pois, cada vez mais, o papel da escola é compreendê-los para além do universo da informação e da produção de conhecimento, uma vez que eles passam também pelas relações interpessoais, como destaca Jesús Martín-Barbero.

Em *A experiência educ comunicativa no Colégio Educarte: oficinas de criação de jornal-escolar para o Facebook*, Felipe dos Santos Schadt apresenta o projeto em que a produção midiática e jornalística por jovens serviu para a reflexão sobre o ciberespaço relacionado com indicadores da pesquisa *TIC Kids Online 2017*, para justificar a escolha das redes sociais como mediadoras das produções.

Encerrando o primeiro bloco, o capítulo *La Casa Amarilla: uma educação pautada na investigação, no pensamento criativo e no trabalho em equipe e suas relações com a educomunicação*, de autoria de Suéller Oliveira da Costa, traz a avaliação de uma experiência vivenciada pela autora nas escolas peruanas *La Casa Amarilla*, que seguem uma proposta pedagógica baseada na abordagem educacional desenvolvida nos centros de infância e pré-escolas de Reggio Emilia, originária da Itália. Nessas escolas, foi realizada uma pesquisa de observação de cunho participativo para acompanhar a rotina pedagógica e o trabalho desenvolvido entre a família, os educadores e as crianças. Um dos objetivos desse acompanhamento foi analisar as aproximações de tal prática pedagógica com os princípios da educomunicação.

O segundo bloco de capítulos agrupados no eixo *Cultura, Mídia e Educomunicação*, inicia-se com o texto de Michele Marques Pereira, *Percepções sobre desenhos animados na primeira infância e a mediação parental*. A autora apresenta estudo sobre como algumas famílias observam e lidam com a presença dos desenhos animados no cotidiano de seus filhos após a chegada da tecnologia digital de vídeos *Streaming* e *On Demand*. A investigação foi realizada com 12 crianças, entre 1 e 4 anos de idade, de 10 famílias, para, então, trazer breve levantamento bibliográfico sobre olhares relacionados à presença dos desenhos animados na primeira infância.

Em seguida, no capítulo *De que forma e com que benefícios poderia ocorrer a (re)interpretação da obra "Harry Potter" por meninas de 12 anos*, Vanessa Slongo apresenta a investigação que realizou junto a um grupo de meninas de 12 anos de idade, sobre como identificações feitas pelas meninas foram relacionadas a temas políticos e sociais a partir de suas interpretações das obras literárias de Harry Potter. A autora buscou investigar possíveis nuances educacionais que permitiriam transformações da visão de mundo em grupos de jovens leitores.

No capítulo *Mídia e mudanças climáticas: posicionamentos de estudantes do Ensino Médio*, a autora Mariana Tambellini Faustino identifica os posicionamentos e as opiniões de estudantes do Ensino Médio em relação a diferentes abordagens de mídias televisivas sobre o tema mudanças climáticas. Para isso, a pesquisadora, também professora de Ciências, utiliza dois vídeos que abordavam a temática mudanças climáticas com visões diferentes. Como resultado principal, Mariana identifica que os estudantes consideraram uma das mídias como sensacionalista e acreditam que o assunto aquecimento global deveria ser tratado de forma mais séria. Quanto aos posicionamentos dos estudantes, a autora percebe que ainda é preciso um embasamento teórico mais aprofundado para se discutir essa temática com argumentos consolidados cientificamente.

O trabalho apresentado por Valter Vicente Sales Filho, intitulado *Audiovisual e educação: possibilidades na criação de contextos dialógicos*, discute o uso de obras audiovisuais em ações educativas com base no conceito de educação dialógica, segundo o qual o conhecimento é uma construção social. A partir da observação de atividade realizada com grupos de crianças, são analisadas algumas condições que podem contribuir para a efetivação do processo dialógico, ou, caso contrário podem apenas refletir e reproduzir discursos hegemônicos. Fechando o segundo bloco de textos, e o livro, o capítulo escrito por Lealis Vaz Meleiro Lopes, intitulado *Propaganda infantil on-line: um levantamento da literatura em periódicos internacionais*, traz uma pesquisa que busca identificar o conteúdo das publicações internacionais mais relevantes sobre propaganda infantil online. A autora conclui que as principais preocupações dos estudos são com relação à vulnerabilidade das crianças aos apelos do *marketing* na internet. A mídia online, de maneira geral, é vista como nociva. Alguns estudos propõem ações no sentido de educar as crianças para lidarem com a mídia.

Nesse sentido, depois de um longo percurso, de tempo, de pesquisas e de estudos, individuais ou coletivos, de aulas e de análise de dados, temos aqui de forma sistematizada os resultados. São muitas as leituras possíveis, quanto à ordem dos capítulos e também de situações em análise, de reinterpretação por cada leitor sobre as relações entre crianças e jovens com a cultura em geral, e em particular as que passam as mídias e tecnologias de informação e comunicação.

Para além da multiplicidade de leituras possíveis dos capítulos deste livro, e do uso que se espera ter deles em diversas situações de aprendizagem, pretendeu-se também demonstrar nos trabalhos apresentados a coerência teórico-metodológica entre o paradigma da educomunicação como perspectiva de abordagem e compreensão sobre as relações que crianças e jovens estabelecem, e que podem estabelecer, com a tecnologia disponível. E, entendendo sobre a importância do protagonismo de crianças e jovens, inclusive e sobretudo coletivamente, para produzir cultura ao interagir com o mundo, e ao ler e interpretar sobre esse mundo, de modo a serem sujeitos comunicantes de sua expressão de vida, de experiências e de aprendizagens diversas.

Nesse sentido, os autores e organizadores desta obra esperam ter contribuído para a sistematização de dados e experiências, e a análise sobre fenômenos relativos à interação de crianças e jovens entre si, com o mundo e com assuntos que lhes interessam, mediados pela cultura cibernética contemporânea. Com a conquista representada pela existência deste livro, renova-se o desafio de continuar os estudos e as investigações nas próximas edições da referida disciplina de pós-graduação em Ciências da Comunicação, na ECA/USP, e de forma articulada a outras frentes de ação deste que escreve, no ensino, na pesquisa e na extensão cultural.

Referências

PACHECO, Elza Dias (Org.) *Televisão, Criança e imaginário: contribuições para a integração escola-universidade-sociedade*. LAPIC – Laboratório de Pesquisa sobre Infância, Imaginário e Comunicação. Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo, 1997.

PACHECO, Elza Dias (Org.). *O desenho animado na TV: mitos, símbolos e metáforas*. LAPIC/ECA/USP; CNPq e FAPESP. São Paulo, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. *A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Contato, Brasília, ano 1, n.2, jan./mar. 1999. Disponível em http://www.nceusp.blog.br/wp-content/uploads/2018/10/IsmarSoares_RevContato_1999.pdf

VIANA, Claudemir Edson. *Pesquisa TIC Educação 2013 e os caminhos a percorrer na prática educacional em contextos da cibercultura*. TIC Educação 2014. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2016. Disponível em https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Educacao_2014_livro_eletronico.pdf

VIANA, Claudemir Edson; SOARES, Ismar de Oliveira. *Pais, filhos & Internet: A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2012, na perspectiva da Educomunicação*. In: TIC KIDS ONLINE BRASIL 2012. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. 2013. Disponível em <https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-kids-online-2012.pdf>

VIANA, Claudemir Edson. *"Minha Terra": diversidade cultural e sustentabilidade em práticas educacionais pela web*. Olhar de professor, Ponta Grossa, 14(1): 123-136, 2011. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>

VIANA, Claudemir Edson. *O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil*. ECA, USP, São Paulo. 2005. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02102007-133619/pt-br.php>

VIANA, Claudemir Edson. *O processo educacional: a mídia na escola*. Dissertação de Mestrado. ECA, USP. São Paulo. 2000. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27134/tde-02122007-214731/pt-br.php>

Sobre o autor

Professor Dr. da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, docente e coordenador pedagógico do curso de Licenciatura em Educomunicação (2015-2020). Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Secretário Executivo da ABPEducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação.